

Pedro de Alcântara Figueira<sup>1</sup>

Quando, n'*O Capital*, Marx afirma que o capital entrou numa fase destrutiva, a transformação social passa a ser definitivamente o ponto de partida de sua análise.

Por isso mesmo, sua concepção passa também a ser uma atividade política. Este aspecto lhe imprime um caráter diferente de outras concepções que apenas se satisfazem com formulações que se prendem apenas a alusões à realidade. O compromisso com a transformação conforma totalmente a ciência que nasce de uma tomada de posição que considera a mudança social como necessidade inerente ao desenvolvimento capitalista.

Não se trata, portanto, de uma qualquer concepção, mas, sim, daquela que resulta do próprio desenvolvimento de determinada forma de constituição da sociedade. Não é, assim, essa ou aquela teoria nascida em outro campo que não seja aquele em que as forças produtivas em ação se conformam de determinado modo. Assim, não se trata de uma teoria anterior e alheia ao embate que determinadas forças produtivas travam com as relações que lhes dão existência. Elegar uma teoria que não obedeça ao compasso da realidade, é fazer da concepção de Marx um pré-conceito.<sup>2</sup> A conclusão segundo a qual as relações sociais capitalistas são incapazes de deter a sua superação não se encontra pronta e acabada nessa ou naquela teoria, mas, ao contrário, se constitui como um corpo de ideias geradas no processo mesmo de transformação histórica. Pretender entendê-las fora desse processo tem resultado em disparates que se distanciam integralmente do que Marx declarou nas mais diferentes ocasiões.

Ao insistir no primado da história como maneira única de entendimento do que é o marxismo, procuramos nos manter no terreno em que Marx não deixou qualquer dúvida

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela UNESP, campus de Assis. Professor aposentado da Universidade Federal de São Carlos-UFSCar.

<sup>2</sup> O pensamento por si mesmo, todavia, não move coisa alguma, mas somente o pensamento que se dirige a um fim e é prático... (ARISTÓTELES, 1985, p. 114)

referente a essa questão. É de se considerar a insistência com que trata da existência das ideias em seu contexto histórico.<sup>3</sup>

Por sua própria natureza fundamentalmente histórica, podemos dizer que o marxismo anda em luta contra a tendência a considerá-lo como a concepção verdadeira revelada finalmente por Marx. Não por acaso lhe batizam de materialista. Não são raros os casos em que, para reafirmar esta posição, se ignora - ou coisa pior - o que Marx declarou, alto e bom som, que *só conhecia uma ciência, a ciência da história*. O que na verdade se tornou frequente é classificá-lo de filósofo. Considero um insulto, ou pelo menos mau gosto, chamar-lhe de "filósofo alemão", ele que é exatamente a negação de ambas as coisas. Tratada a sua obra magna como economia, também lhe pregam o título de economista. Não faltam aberrações como essa que encontramos na Apresentação do livro I de *O Capital* publicado pela Editora Boitempo:

É que *O capital* constitui, por excelência, uma obra de unificação interdisciplinar das ciências humanas, com vistas ao estudo multilateral de determinada formação social. Unificação entre a economia política e a sociologia, a historiografia, a demografia, a geografia econômica e a antropologia".

Não se trata simplesmente de ignorância fazer de Marx um filósofo, ou o filósofo par excellence. Sem pretender revelar, pois não é este meu objetivo, o que aí se oculta, apenas me deteria num aspecto que considero o mais importante nessa insistência generalizada em lhe dar esse título, algo que ele renegou peremptoriamente.

Tudo parece indicar que é no campo da ciência histórica que vamos encontrar o "nó da questão", expressão muito cara a Descartes.

Fazer do marxismo uma filosofia, assim como partir de uma teoria que anteceda o próprio objetivo da pesquisa e da análise, contém algo mais do que uma simples ou inocente classificação.

Para que não reste nenhuma dúvida a respeito do que entendo, ou seja, que não cabe ao marxismo qualquer classificação senão a de ciência da história, recorro a uma

---

<sup>3</sup> Os mesmos homens que estabeleceram as relações sociais de acordo com a sua produtividade material produzem, também, os princípios, as ideias, as categorias de acordo com as suas relações sociais. Assim, estas ideias, estas categorias são tão pouco eternas quanto as relações que exprimem. Elas são produtos históricos e transitórios. (MARX, 1985, p. 106). K. Marx, *A Miséria da Filosofia*, p. 106, tradução e introdução de José Paulo Netto, coleção bases 46, Global Editora, São Paulo, 1985. (MARX, 1985, p. 106)

das obras de Bacon em que ele prioriza o tempo como o elemento determinante do pensamento.<sup>4</sup>

Ao recorrer a Bacon, que, em outros momentos, afirma que *a verdade é filha do tempo*, o faço por entender que nomear Marx de filósofo redundaria em tirar a ciência de Marx do seu específico campo de luta. Ao atermo-nos ao primado da história como única maneira de entender o que é o marxismo, procuramos nos manter no terreno em que Marx não deixou qualquer dúvida sobre esse aspecto. Para além dos momentos em que tal questão fica clara e é explicitada, a estruturação dos seus escritos se prende fundamentalmente ao nascimento, desenvolvimento e transição de uma forma histórica a outra. As categorias com as quais analisa o funcionamento do capital não lhe foram dadas senão pelo próprio desenvolvimento histórico de um determinado modo de produção, o capitalismo. Essas categorias tomam sua forma mais acabada na "crítica à Economia Política", entendida essa "crítica", não como correção da ciência econômica burguesa, mas como a sua superação histórica. O capital na década de quarenta do século XIX está vivendo suas próprias contradições. A batalha que a Economia Política trava com os escombros feudais cessou com Ricardo, em 1817, ano em que ele publica seus *Princípios de Economia Política e Tributação*. N'O Capital Marx dialoga incessantemente com a ciência burguesa, mostrando a cada momento a sua insuficiência para explicar a nova fase histórica do processo de acumulação do capital. Esta insuficiência não resulta, como frequentemente se propaga, de seu caráter burguês. Recorrer a este tipo de argumento resulta em empobrecer historicamente o marxismo, torná-lo detentor de uma verdade supra-histórica. A ciência de Marx, assim como a Economia Política, são filhas da história. É aí precisamente que está o sentido da "crítica à Economia Política" contida na obra de Marx.

A conversão forçada de Marx à filosofia tem tudo a ver com o total desprezo que se votou à Economia Política como referência obrigatória para se entender o seu pensamento, a precisão, a riqueza e a profundidade de sua análise. A presença da Economia Política se encontra frequentemente nos momentos em que Marx formula o mesmo argumento de um e outro modo. Aí, então, o diálogo com a ciência burguesa se torna uma presença forte, e necessária. Não é com os filósofos que ele dialoga. Com Aristóteles, sim.

---

<sup>4</sup> Assim pois, para concluir este ponto, não direi mais senão que se dê aos grandes autores o que lhes corresponde, sempre que com isto não se prive ao tempo, que é o autor dos autores, do que por sua vez lhe corresponde, que é o ir desvelando progressivamente a verdade. (BACON, 2007)

A *Ideologia Alemã*, editada postumamente em 1932 na União Soviética, diz tudo a respeito do que aqui estamos tratando. Quando seus autores, Marx e Engels, afirmam que então acertaram suas contas com o passado, talvez não fique suficientemente claro para muitas pessoas que esse passado não é senão a filosofia, sobretudo em sua forma alemã.

Seu exílio na Inglaterra vai permitir a Marx dar uma forma concreta a esse acerto de contas. A sua permanência nesse país o leva, digamos assim, a uma convivência direta com o mundo do capital em sua forma mais desenvolvida. O próprio termo, *modo de produção*, torna-se algo muito concreto para ele. É na Inglaterra que a sociedade capitalista se apresenta para ele como um modo concreto de vida. Para chegar a essa conclusão, sua dívida para com a filosofia é nula. Esta deixa de ser, na verdade, referência nos seus escritos. Que ninguém se apresse em ver nesse afastamento completo da filosofia um Marx economista, sociólogo, antropólogo e coisa pelo gênero.

A obra de Marx deve ser entendida como uma arma no combate a uma forma social que gerara as condições concretas de sua superação:

MAYER não entendeu bem (...) senão ele teria percebido que eu vejo a grande indústria não apenas como a mãe do antagonismo, mas, também, como a criadora das condições materiais e espirituais necessárias à solução deste antagonismo, solução que, evidentemente, não poderá se realizar com muita doçura. (MARX; ENGELS, 1964, p. 201)

O que nesta carta a Kugelman, de 17.03.1868, já se consagrara como ideia matriz de suas formulações históricas, tem uma de suas primeiras manifestações precisamente na *Ideologia Alemã* enquanto expressão decisiva do seu acerto de contas com o passado. Aqui, como na referida carta, não há lugar para filosofia sob qualquer uma de suas formas:

Não nos daremos, naturalmente, ao trabalho de esclarecer a nossos sábios filósofos que eles não fizeram a "libertação" do "homem" avançar um único passo ao terem reduzido a filosofia, a teologia, a substância e todo esse lixo à "autoconsciência", e ao terem libertado o "homem" da dominação dessas fraseologias, dominação que nunca o manteve escravizado. Nem lhes explicaremos que só é possível conquistar a libertação real [*wirkliche Befreiung*] no mundo real e pelo emprego de meios reais; que a escravidão não pode ser superada sem a máquina a vapor e a *Mule-Jenny*, nem a servidão sem a melhora da agricultura, e que, em geral, não é possível libertar os homens enquanto estes forem incapazes de obter alimentação e bebida, habitação e vestimenta, em qualidade e quantidade adequadas. A "libertação" é um ato histórico e não um ato de pensamento, e é

ocasionada por condições históricas, pelas con[dições] da indústria, do co[mércio], [da agricultura, do inter[câmbio] [...] e então, posteriormente, conforme suas diferentes fases de desenvolvimento, o absurdo da substância, do sujeito, da autoconsciência e da crítica pura, assim como o absurdo religioso e teológico, são novamente eliminados quando se encontram suficientemente desenvolvidos. É claro que na Alemanha, um país onde ocorre apenas um desenvolvimento histórico trivial, esses desenvolvimentos intelectuais, essas trivialidades glorificadas e ineficazes, servem naturalmente como um substituto para a falta de desenvolvimento histórico; enraízam-se e têm de ser combatidos. Mas essa luta tem importância meramente local. (MARX; ENGELS, 2007, p. 29-30)

Em outro local, precisamente nos Manuscritos de 1844, Marx não deixa qualquer dúvida a respeito da natureza do processo de transformação social:

*"Pour surmonter l'idée de la propriété privée, le communisme en tant que pensée suffit entièrement. Pour surmonter la propriété privée réelle, il faut une action communiste réelle. L'histoire la fera surgir".*

## REFERÊNCIAS

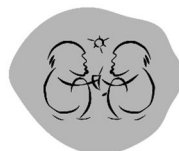
ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. Trad. de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

BACON, F. **O progresso do conhecimento**. Trad. de Raul Fiker. São Paulo: Ed. Unesp, 2007.

MARX, K. **A Miséria da Filosofia**. Trad. de José Paulo Netto. São Paulo: Global Editora, 1985.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. Trad. de Rubens Enderle, Nélío Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Ed. Boitempo, 2007.

MARX, K.; ENGELS, F. **Correspondance Marx-Engels: Lettres sur "Le Capital"**, 98. - Marx a Kugelmann. Paris: Editions Sociales, 1964.



*Gilberto Luiz Alves*  
INSTITUTO CULTURAL

---

[www.icgilbertoluizalves.com.br](http://www.icgilbertoluizalves.com.br)